

FICÇÃO CIENTÍFICA E DISTOPIA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CIDADE E DO CORPO EM *UMBRA* (1977) E *ASILO NAS TORRES* (1979)

SCIENCE FICTION AND DYSTOPIA: CONSIDERATIONS ABOUT THE CITY AND THE BODY IN *UMBRA* (1977) AND *ASILO NAS TORRES* (1979)

Profa. Dra. Naiara Sales Araújo
Universidade Federal do Maranhão
naiara.sas@gmail.com

Resumo: O presente estudo tem como objetivo fazer uma reflexão acerca das narrativas utópicas e distópicas, considerando seus conceitos e elementos constitutivos bem como suas relações com as temáticas sociais, sobretudo aquelas relacionadas às transformações do espaço e suas implicações para a vida do homem como ser social. Para este fim, tomaremos como objeto de análise as obras distópicas brasileiras *Umbra* (1977), de Plínio Cabral, e *Asilo nas Torres* (1979), de Ruth Bueno, escritas em um momento histórico conturbado de transformações sociais. Como suporte teórico, traremos à baila os estudos do crítico Raymond Williams (1978) com o intuito de melhor explicar a estrutura das narrativas utópica e distópicas. As discussões acerca do corpo e do espaço serão fomentadas pelos estudos da crítica Jéssica Langer (2010) para a qual as narrativas distópicas apresentam uma reflexão crítica sobre sociedades pós-coloniais e/ou pós-modernas, e exploram a chamada *transgressão de fronteiras* as quais se relacionam à cidade, ao corpo e à mente. Neste sentido, os apontamentos de Nestor Canclini (1995) sobre culturas híbridas na modernidade dialogam com o estudo aqui proposto. Os resultados apontam para uma importante contribuição das narrativas distópicas como registros das transformações das cidades e de suas consequências para a vida do homem como ser social.

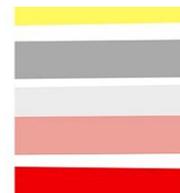
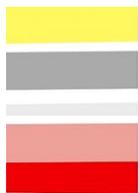
Palavras-chave: Distopia; Cidade; Corpo; Umbra; Asilo nas Torres.

Abstract: *The present study aims to make a reflection on the utopian and dystopic narratives, considering their concepts and constitutive elements as well as their relations with the social issues, mainly those related to the transformations of the space and their implications for man's life as a social being. To this end, we will take as object of analysis the Brazilian dystopian works Umbra (1977) by Plínio Cabral, and Asilo nas Torres (1979) by Ruth Bueno, written at a historic moment of disturbance and social transformations. As a theoretical support, we will bring to light the studies of the critic Raymond Williams (1978) in order to better explain the structure of the utopian and dystopian narratives. Discussions about the body and space will be fostered by the studies of the critic Jéssica Langer (2010) for whom the dystopic narratives present a critical reflection on postcolonial and/or postmodern societies, and explore the so-called transgression of boundaries which are related to the city, the body and the mind. In this sense, Nestor Canclini's (1995) notes on hybrid cultures in modernity dialogue with the study proposed here. The results point to an important contribution of dystopian narratives as records of the transformations of cities and their consequences for the life of man as a social being.*

Keywords: *Dystopia; City; Body; Umbra; Asylum in the Towers.*

1 Introdução

A história da ficção científica brasileira foi marcada pela presença de modelos e tendências estrangeiras que, de uma forma ou de outra, contribuíram para moldar o gênero em



perspectivas nacionais. Embora seja verdade que a tradição Anglo-Americana desempenhou papel significativo no desenvolvimento de um gênero brasileiro, também é verdade que essa relação de dependência gerou um sentimento – entre escritores brasileiros – de que o Brasil não poderia esboçar uma estrutura para obras de ficção científica produzidas de forma autêntica.

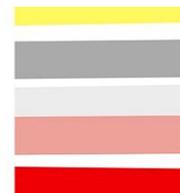
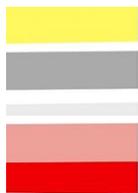
Parte desse entendimento devia-se à ideia de que o gênero de ficção científica só poderia ser, autenticamente, produzido em países de língua inglesa e com um processo de desenvolvimento tecnológico que inspirasse escritores e cientistas a projetarem seus desejos e pretensões em narrativas futurísticas, capazes de dialogar com o presente e o futuro, de forma utópica ou, por vezes, profética. Embora esse sentimento negativo tenha persistido na elite literária brasileira por muito tempo, alguns escritores tentaram, persistentemente, transformar essas tendências estrangeiras em um gênero essencialmente brasileiro.

Assim, em território nacional, a ficção científica foi moldada de acordo com aspectos históricos e culturais inerentes ao povo brasileiro. Em outras palavras, a experiência literária do escritor foi não somente estética, mas também a expressão de sua percepção da sociedade como um ato discursivo e ideológico no qual se pode explicitar um sentimento coletivo de medo, curiosidade e, ao mesmo tempo, um desejo de mudança que poderia vir a partir do processo de modernização, comungado aos avanços tecnológicos.

Nesta perspectiva, escritores de diferentes gerações compartilharam a dificuldade de assegurar uma identidade nacional própria e distintiva, dentro do universo literário especulativo. Mesmo em situações adversas, é correto afirmar que, desde o começo, o gênero surgiu como uma arma de combate em favor de uma nacionalidade autêntica. Dessa forma, havia entre alguns escritores um sentimento paradoxal oscilante, expresso na dicotomia utopia/distopia.

Obras como *Utopia* (1905) e *Men Like Gods* (1923), de Wells, *Brave New World* (1932), de Aldous Huxley, *Nineteen Eighty-Four* (1949), de George Orwell, e *The Dispossessed* (1974), de Ursula K. LeGuin, mostram a trajetória do gênero e sua relação de otimismo ou pessimismo diante dos avanços tecnológicos e de sua utilização desenfreada. Assim, é apropriado adentrarmos na discussão sobre ficção científica utópica e distópica, já que isso fornecerá uma visão mais profunda sobre a dinâmica histórica da relação homem e tecnologia, vista por escritores de ficção científica de diferentes contextos históricos.

O presente artigo visa a fazer uma reflexão acerca das narrativas utópicas e distópicas, considerando seus conceitos e elementos constitutivos bem como suas relações com as temáticas sociais, sobretudo aquelas relacionadas às transformações do espaço e suas



implicações para a vida do homem como ser social. Para este fim, tomaremos como objetos de análise as obras distópicas brasileiras *Umbra* (1977), de Plínio Cabral, e *Asilo nas Torres* (1979), de Ruth Bueno.

2 Utopia e Distopia: revisitando os conceitos

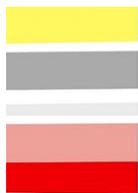
A fim de analisar a ficção científica brasileira e a relação que mantém com questões de identidade nacional, é necessário examinar os conceitos de utopia e distopia a partir de uma perspectiva brasileira. Primeiramente, é importante notar que narrativas brasileiras utópicas e distópicas são fortemente relacionadas à ideia do mito, que muitas vezes é próxima àquela da utopia.

De acordo com Laurence Coupe (1997), o mito pode ser apreciado como uma forma de narrativa que envolve uma dialética continua consigo mesmo e o outro, a memória e o desejo, a ideologia e a utopia. Nessa perspectiva, narrativas míticas e utópicas pertencem à mesma categoria literária, da qual o principal foco é uma tentativa de explicar, em termos racionais, eventos que são ainda incompreendidos.

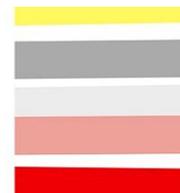
O conceito de utopia sempre foi ligado às ideias de uma civilização ideal, ou um mundo fantástico e imaginário, onde é possível viver em uma sociedade perfeita. O termo está normalmente associado à obra mais famosa de Thomas More, *Utopia* (1516). No romance, More apresenta uma sociedade diferente e perfeita, na qual a felicidade não depende de coisas materiais, mas da prática de recompensar virtudes e na melhoria da mente.

Indiscutivelmente, More foi inspirado pelas narrativas extraordinárias de Américo Vespúcio, sobre as terras descobertas por ele, em 1503. É possível encontrar semelhanças na forma com que o colonizador descreve pela primeira vez a terra descoberta e a forma com que More descreve seu lugar ideal. No imaginário europeu, a descoberta de uma terra virginal habitada por animais dóceis e exóticos, e cheia de diferentes plantas frutíferas está relacionada à noção utópica da América.

De fato, existem muitas conexões próximas e evidentes entre narrativas utópicas e coloniais. De acordo com o crítico Brian Stableford (1984), um dos gêneros literários que antecedeu a ficção científica foi um tipo de narrativa em que se imaginava que a sociedade perfeita seria descoberta em um tempo futuro, quando o curso da história atingisse seu desfecho. Assim, narrativas utópicas são fortemente ligadas à história (o passado), e à ideia de um estado



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



imaginário, cuja sociedade fora aperfeiçoada, o que, de acordo com tais narrativas, não é possível sem a presença de experiências passadas.

Uma boa ilustração disso é *Looking Backward 2000-1887* (1888), de Edward Bellamy. O romance acompanha a história de Julian West, um jovem Americano que cai num sono profundo, induzido por hipnose, no final do século XIX, e acorda 113 anos depois. Ao acordar, no ano 2000, ele percebe que sua cidade, Boston, é um lugar completamente diferente. Os Estados Unidos se transformaram em uma utopia socialista que é, de alguma forma, a fusão do capitalismo e do socialismo.

No romance, Bellamy (2009) expressa seus pensamentos sobre melhorar o futuro através da ação humana. Sua crítica foca nos problemas associados com o capitalismo, e suas consequências para todas as sociedades. Assim, ele descreve

uma forma de sociedade que foi fundada no pseudo interesse próprio do egoísmo, e apelou apenas para o lado antisocial e brutal da natureza humana, que foi substituído por instituições baseadas no interesse próprio genuíno de um altruísmo racional, e apelando para os instintos sociais e generosos dos homens (BELLAMY, 2009, p. 162).

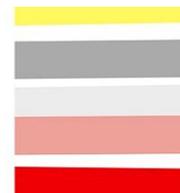
Claramente, a reestruturação radical da sociedade de Bellamy é uma forma de lidar com problemas sociais contemporâneos, tais como crime, exclusão educacional e social, e desigualdade. Ao fazer isso, ele revela seu envolvimento com sua história e, mostrando por vezes, um sentimento nostálgico da humanidade.

Com o intuito de melhor explicar a estrutura de uma narrativa utópica, o crítico Raymond Williams (1978) aponta quatro eixos diferentes que podem conduzir as narrativas utópicas: (a) um paraíso, no qual a felicidade é descrita como algo que existe em outro lugar; (b) o mundo externamente modificado, no qual uma nova forma de vida é possível graças a um evento natural inesperado; (c) a transformação desejada, na qual uma nova forma de vida é alcançada por esforços humanos e (d) a transformação tecnológica, na qual a vida é possível devido a uma descoberta técnica.

Embora esses eixos frequentemente se sobreponham, eles são úteis como formas de identificar as narrativas utópicas, assim como distingui-las das narrativas distópicas, que são caracterizadas pelo sentido oposto de cada tipo. No sentido distópico, o paraíso é substituído pelo inferno e a felicidade pela infelicidade; conquistas resultantes de esforços humanos são substituídas pela degeneração social humana e a vida é piorada pelo desenvolvimento técnico.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Assim, as distopias podem ser conceituadas como narrativas especulativas, cujos cenários futurísticos apresentam sociedades, aparentemente perfeitas, moldadas pelo discurso manipulador de seus governantes, onde o progresso é fator essencial e necessário para a harmonia do homem com o espaço onde habita. Neste sentido, vive-se o presente sem questionar o passado e o futuro será sempre um espelho do presente, perpetuado pelo discurso de opressão.

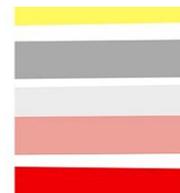
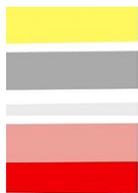
Para Williams (1978), o elemento da transformação é crucial para mostrar a distinção entre os dois modos de narrativa:

A transformação desejada pode ser vista como sendo inspirada pelo espírito científico, seja em seus termos mais gerais, como o secularismo e a racionalidade, ou uma combinação desses com a ciência aplicada, o que torna possível e sustenta a transformação. Alternativamente, os mesmos impulsos podem ser avaliados de forma negativa: o avanço científico desenfreado ou tirania humana. Qualquer forma deixa aberta a questão da agência social do espírito científico e da ciência aplicada... (WILLIAMS, 1978, p. 48).

Nas narrativas distópicas a transformação desejada é normalmente dependente do contexto sociopolítico e, portanto, os elementos sociais são extrapolados. Sátiras distópicas, normalmente, criticam a forma como a sociedade é transformada pelo desenvolvimento científico e tecnológico, sem levar em consideração virtudes humanas e valores culturais. Bons exemplos desse modo literário são *Brave New World* (1931), de Aldous Huxley, e *Nineteen Eighty-Four* (1949), de George Orwell. Esses escritores projetam, de forma crítica, uma sociedade futurista transformada por avanços tecnológicos, onde as pessoas parecem ser meros produtos desse progresso cultural e tecnológico.

Para a crítica Jessica Langer (2010), tanto a utopia quanto a distopia proporcionam ao gênero da ficção científica novas possibilidades dialéticas e, mais importante, eles reconhecem e colocam em primeiro plano as visões de mundo desiguais de povos colonizados, anteriormente colonizados, e diaspóricos. Por povos diaspóricos, ela se refere àqueles que foram dispersos de sua entidade supostamente homogênea, tais como linguagem e cultura, pelo processo de colonização.

Nesse contexto, textos distópicos também lidam com a formação de culturas híbridas. De fato, o hibridismo é um conceito chave tanto para a construção da teoria utopia/distópica, quanto da teoria pós-colonial. O termo é normalmente associado com as ideias de Homi K. Bhabha, apresentadas em seu livro *The Location of Culture* (1994), já que este faz uma ampla discussão em torno da temática sobre identidade. Bhabha apresenta novas formas de pensar



sobre identidade, que emanaram da longa história da linguagem e da paisagem de migração e diáspora, e sugere que essas formas de pensar sobre identidade estão relacionadas com novas formas de sociedades pós-coloniais.

Nesta mesma linha de raciocínio, as narrativas distópicas apresentam uma reflexão crítica sobre sociedades pós-coloniais, e exploram o que Langer chama de *transgressão de fronteiras*. Ela aponta três locais de transgressões de fronteiras, que se relacionam à cidade, ao corpo e à mente. Cada um deles representa um aspecto da estrutura da realidade pós-moderna:

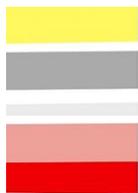
Como camadas de uma cebola, essas fronteiras estão contidas dentro uma da outra, a mente dentro do corpo dentro da cidade, então cada transgressão ecoa em dobro e, talvez, em triplo: elas criam uma rede intrincada de inclusão radical, que desenha a visão de alguém da metrópole pós-moderna, e que invoca os conceitos pós-coloniais de hibridismo e visão (LANGER, 2010, p. 174).

A realidade pós-moderna lida com uma combinação de culturas globais e locais. Na obra *Identity* (2005), de Zygmunt Bauman, há uma boa ilustração da variedade de aspectos que contribuem para a formação da identidade do homem pós-moderno. O processo de globalização permitiu a fusão de diferentes culturas e tradições. Nesse contexto, a cidade contemporânea é um espaço ambivalente, formado por um conjunto de riquezas multiculturais, pelo progresso tecnológico e pela dominação imperial.

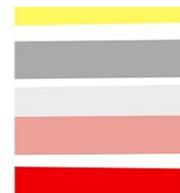
Sobre esse assunto, Langer (2010) afirma que uma cidade é estratificada tanto física quanto socialmente, e tem sido um espaço de contestação tanto no discurso pós-colonial como no discurso pós-moderno, sendo o da ficção científica, capaz de dialogar e transitar entre ambos. Nas obras de ficção científica pós-colonial, a cidade é o lugar que melhor demonstra o ambiente hostil e caótico gerado pelo processo de modernização tecnológica. Isso é o que de fato ocorre nos romances de ficção científica brasileira *Umbra* (1977), de Plínio Cabral, e *Asilo nas Torres* (1979), de Ruth Bueno, como veremos mais adiante.

3 *Umbra* (1977) e *Asilo nas Torres* (1979): Uma reflexão acerca da Cidade e do Corpo

Conforme abordado no tópico anterior, a preocupação com a modernização e a nova configuração das cidades tem sido um tema recorrente no meio acadêmico. Em sua obra *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar y salir de la modernidad* (1995), Nestor Canclini postula a necessidade de uma abordagem multicultural para compreender a cultura latino-



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



americana contemporânea, o que lhe permitiu elaborar uma ampla reflexão sobre a pós-modernidade e a globalização. De acordo com Canclini,

grandes cidades, dilaceradas pelo crescimento errático e por um multiculturalismo conflitante, são o cenário em que melhor se manifesta o declínio das metanarrativas históricas das utopias que imaginaram um desenvolvimento ascendente e coeso através do tempo (CANCLINI, 1995, p. 130).

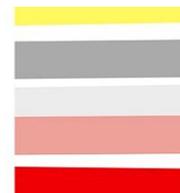
A este respeito, Canclini e os autores de ficção científica brasileira que traremos à baila nesta discussão parecem compartilhar a mesma opinião. As narrativas que serão aqui analisadas denunciam a forma como as cidades são desenvolvidas e sobrepostas a elementos antes tidos como fundamentais à harmonia e espaço. Nesta discussão, o crítico Gary K. Worfe (1979) traz uma importante contribuição ao apontar que:

... Cidades que outrora foram organizações sociais para promover a proteção do indivíduo contra um ambiente hostil e caótico devem agora investir mais e mais de seus recursos para a proteção do indivíduo contra o ambiente hostil e caótico em que a própria cidade se tornou. As visões inocentes do passado se tornaram armadilhas do presente, e é tentador culpar os visionários... (WORFE, 1979, p. 87).

Percebe-se, assim, uma nítida inversão de valores. Em nome do progresso, a cidade mudou sua função de protetora e se tornou um lugar hostil e perigoso para se viver. *Umbra* (1977), de Plínio Cabral, descreve uma cidade que se move rapidamente e devora seus próprios habitantes, sugerindo que as pessoas perderam seu ambiente natural e tudo que vem com ele. Assim, os habitantes devem se adaptar a viver em um mundo artificial rodeado por máquinas e com pouco contato humano. Dessa forma, o corpo e a cidade estão inter-relacionados.

Segundo Araújo (2016), dado o fato de que o romance foi publicado durante o regime militar, quando o governo almejava o avanço tecnológico a qualquer custo e a censura não permitia quaisquer pontos de vista opostos, não surpreende que o autor utilizasse o discurso alegórico como seu instrumento mais importante, a fim de protestar contra o esgotamento dos recursos naturais do Brasil. A ideia de que tudo poderia ser substituído por tecnologia é fortemente enfatizada por Cabral a partir do primeiro capítulo:

Nada era importante: cada um fazia o que era necessário fazer, desde tempos imemoriais. E ninguém se importava com o resto. A fábrica fornecia tudo: roupa sintética, alimento concentrado, figuras visuais e reuniões onde se debatia a história do futuro (CABRAL, 1977, p.10).



Araújo (2016) chama a atenção para o fato de o ambiente natural ser substituído pelo artificial. Deixando a natureza fora do círculo natural da vida humana, não há necessidade de cultivar ou preservar o ambiente natural já que a tecnologia fornece tudo o que é necessário. No entanto, ao mesmo tempo em que o homem é mostrado como intelectual científico e superior à natureza, ele parece ser uma criatura irracional, escravizando-se, coisificando-se e confinando-se em um mundo cada vez mais artificial.

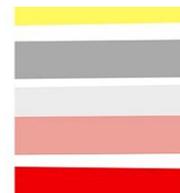
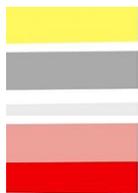
Cabral tece importante crítica a respeito da modernização das cidades sem levar em consideração os fatores históricos e culturais da vida das pessoas. Para ele, a cidade é um elemento-chave nestes processos contraditórios de modernização em que os homens se tornam escravos de sua própria criação, como pode ser visto na seguinte passagem:

...Trabalhava-se para a Cidade. Exclusivamente. Eram escravos do monstro. Não podiam se libertar. Ela cobria a terra, ia quase até o fim do mundo. Inchava, putrefata. Contribuições, dízimos, taxas, impostos, parcelas – devorava tudo. E pedia mais. Tanto, tanto que ninguém aguentava (CABRAL, 1977, p. 25).

De acordo com Langer (2010), as fronteiras dos corpos e das cidades são instáveis e mutáveis na maior parte das narrativas distópicas. Segundo a crítica, uma consequência dessa mutabilidade e instabilidade do corpo é que ele se torna menos significativo em representar a natureza da personalidade de alguém. A falta da invariabilidade necessária não apenas afeta o gênero e a raça de uma pessoa, mas também frustra a dicotomia entre percepção e verdade em termos de categorização e autenticidade, afetando de forma significativa as estruturas identitárias de uma pessoa ou grupo.

Essa “falta de invariabilidade necessária” de que fala Langer (2010) é uma boa ilustração de como sociedades pós-coloniais e/ou pós-modernas tendem a lidar com aspectos relacionados à identidade. Sem uma representação definida do corpo, todos os outros elementos relacionados à personalidade de alguém podem ser considerados não-autênticos. O corpo constitui a presença visível de alguém em um espaço. Se é bem construído, a pessoa tende a ser melhor representada no espaço; se faltam características físicas individuais concretas, então essa pessoa tende a ser vista como menos significativa, ou estranha em relação aos outros.

A transgressão da integridade corporal representa um elemento significativo nas narrativas que caracterizam e exploram o espaço metropolitano pós-colonial e pós-moderno. No romance brasileiro distópico *Asilo nas Torres* (1979), a autora, Ruth Bueno, apresenta uma sociedade híbrida em que alguns personagens são metade homem, metade máquina e, devido a



seus corpos melhorados, estão no comando da segurança e controle dos outros, que são normalmente tratados como prisioneiros.

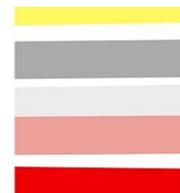
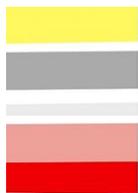
Em *Asilo nas Torres* (1979), pessoas e máquinas compartilham o mesmo espaço e comportam-se como se não houvesse diferença física entre elas. Indubitavelmente, Bueno estava ciente das possíveis consequências das políticas de desenvolvimento tecnológico para a sociedade brasileira e, mais precisamente, como isso poderia afetar a identidade nacional como um todo.

Nesta mesma perspectiva, a autora apresenta a transgressão da mente como elemento distintivo na narrativa de Bueno, haja vista que o desfecho da trama se dá exatamente a partir desta artimanha. Segundo Langer (2010), para a construção de narrativas utópicas e distópicas, a transgressão da mente é a base para a transgressão das fronteiras da cidade e do corpo, pois as fronteiras da mente incluem ideias, assim como meios tecnológicos e sobrenaturais; enquanto uma mente literalmente aberta é vulnerável ao abuso, ela também representa a definição mais convencional de uma mente aberta sem fronteiras ou limites permitindo a possibilidade de agregar ideias, conceitos e tolerâncias.

Essa ideia de mente aberta parece perfeita em sociedades pós-coloniais e pós-modernas, nas quais uma cultura dominante tenta mudar a mente do outro por imposição. Nesse sentido, Langer (2010) segue afirmando também que a ideia de que uma mente pode ser funcional fora de suas fronteiras convencionais abre as portas para uma inclusão radical não apenas de diferentes estados de personificação, mas também para diferentes conceitos para o que a mente de fato possa ser.

Nesse contexto, o conceito de uma mente híbrida é, minuciosamente, explorado em narrativas utópicas e distópicas que tendem a enfatizar a alta tecnologia e formas marginais da vida moderna, como em *Cyberpunk*, um subgênero de ficção científica que foca em alta tecnologia e baixo nível de vida. Para o crítico Tom Moylan (2000), a primeira geração de escritores de *Cyberpunk* não se aprofundou o suficiente em sua opinião crítica, apesar de suas representações negativas e distópicas das condições sociais do alto capitalismo e da política conservadora da década de 80.

Moylan (2000) acrescenta que eventos subsequentes levaram a um momento de “distopia crítica”, que se preocupa não apenas com estratégias textuais, mas também com temas políticos e o nível de comprometimento social das pessoas. Moylan (2000) define essa categoria ou estágio de ficção científica como uma mutação textual auto reflexiva que se utiliza do sistema vigente para oferecer não apenas críticas astutas sobre a ordem das coisas, mas também



considerações sobre os espaços oposicionais e as possibilidades a partir dos quais a próxima rodada de ativismo político pode apoderar-se como sustento imaginativo e inspiração.

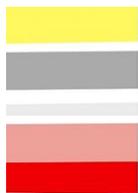
Assim, a distopia crítica articula uma reflexão sobre os efeitos da globalização e a nova colonização ou neocolonização cultural da mente, corpo ou cidade. Em algumas distopias brasileiras, escritores exploram a metáfora e a ironia como importantes estratégias para suas críticas sociais. Em *Metaphors of Cyberpunk: Ontology Epistemology and Science Fiction* (1992), Ruth Curl explora os conceitos de metáforas epistemológicas e ontológicas, sugerindo que em algumas ficções científicas pós-coloniais, há uma interface desses dois tipos de metáforas, já que algumas narrativas mostram um processo de esquecimento que rompe a ligação com o passado e força o leitor a mudar sua perspectiva sobre um futuro desconhecido.

Para Curl (1992), essa interface inclui uma metáfora ontológica similar àquela comumente utilizada em textos literários e uma metáfora epistemológica que é criada por uma nova imagem de processamento de computador. Na distopia brasileira *Asilo nas Torres* (1977), essa metáfora epistemológica é encontrada na inadequação dos personagens em compreender e entrar numa busca pelos fatos que ocorrem ao redor deles. A esse respeito, Curl (1992) adiciona que, na ficção científica pós-colonial, a metáfora constitui a vida em um processo de autopoiese, assim como se reflete numa alegoria de um conjunto de imagens da vida.

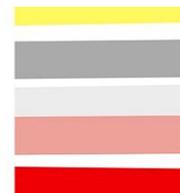
Ao analisar a narrativa e as formas distópicas de vida no romance mexicano de Cyberpunk *La Primavera Calle de la Solidad* (1993), de Gerardo Horacio Porcayo, Juan Ignacio Zapata encontrou algumas semelhanças na forma com que muitos escritores latino americanos produzem a auto reflexão de seus romances. Entre essas semelhanças, destacamos três como as mais expressivas: o uso de mitos nacionais, temas de desertos e cidades desertas e a posição das mulheres na sociedade. Todos esses elementos estão de alguma forma presentes nas distopias brasileiras dos anos 70.

4 Considerações Finais

Pelo exposto acima, é possível afirmar que a distopia, como subgênero da ficção científica, apresenta-se como um importante instrumento de reflexão social dado seu caráter multidisciplinar e irrestrito. Seus elementos estruturais nos permitem fazer uma análise narrativa por diferentes vieses possibilitando um estudo amplo e multifocal mesmo quando se pretende enfatizar temáticas específicas.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

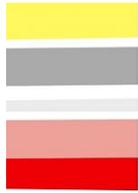


Segundo Araújo (2016), Plínio Cabral e Ruth Bueno usaram a ficção distópica como uma forma de denunciar e satirizar a sociedade moderna. A partir da utilização de um mundo futurista imaginário, suas distopias contemplam de forma eficaz temas políticos e que refletem, de uma forma ou de outra, as preocupações humanas advindas de um novo modo de vida, tendências presentes na sociedade contemporânea.

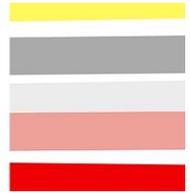
Dessa forma, analisar as narrativas distópicas brasileiras pode ser uma forma de revisitar aspectos históricos e culturais de um determinado tempo, sobretudo em se tratando de momentos em que os conflitos ideológicos e identitários possibilitaram mudanças significativas no modo de vida das pessoas. As narrativas aqui mencionadas podem ser consideradas como importantes registros do paradoxal processo de hibridização pelo qual a sociedade brasileira passou na segunda metade do século XX.

Referências

- ARAÚJO, Naiara Sales. Ficção Científica Brasileira: *Eco feminismo e Pós- colonialismo em Umbra, de Plínio Cabral*. Revista Brasileira de Literatura Comparada. (2016) v. 18, n. 28, p. 03-15.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Trans. by Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BELLAMY, Edward. *Looking Backward 2000-1887 (1887)*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- BHABHA, Homi, K. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.
- BUENO, Ruth. *Asilo nas Torres*. São Paulo: Ática, 1979.
- CABRAL, Plinio. *Umbra*. São Paulo: Summus, 1977.
- CANCLINI, Nestor G. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- COUPE, Laurence. *Myth: the new Critical Idiom*. London and New York: Routledge, 1997.
- CURL, Ruth. "The Metaphors of Cyberpunk: Ontology, Epistemology and Science Fiction." In: *Fiction 2000: Cyberpunk and the Future of Narrative*, edited by George Slusser and Tom Shippey. London: The University of Georgia Press, 1992.
- LANGER, Jessica. "The Shapes of Dystopia: Boundaries, Hybridity and the Politics of Power." In: HOAGLAND, Ericka and SARWAL, Reema. *Science Fiction, Imperialism and the Third World*. London: McFarland & Company, 2010.



AFLUENTE:
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



MORE, Thomas. *Utopia* (1516). London: Wordsworth Editions, 1997.

MOYLAN, Tom. *Scraps of the untainted sky : science fiction, utopia, dystopia*. Boulder, Colo Westview Press, 2000.

PORCAYO, Gerardo Horacio. *La Primera Calle de la Soledad* (1993). Mexico: Group Editorial Vid, 1997.

ORWELL, George. *Nineteen Eighty-Four*. Afterword by Erich Fromm. New York: New American Library, 1984.

STABLEFORD, Brian. *Future Man*. London and New York: Routledge, 1984.

WILLIAMS, Raymond. "Utopia and Science Fiction." In: *Science Fiction Studies* 16 (1978); 47-58.

WOLFE, Gary. *The Known and the Unknown. The Iconography of Science Fiction*. Kent, Ohio: Kent State University Press, 1979.

Recebido em: 10 de março de 2018.

Aprovado em: 09 de abril de 2018.